

TRADUÇÃO

RESPOSTA ÀS QUESTÕES DE UM PROVINCIAL (III PARTE - CAPÍTULO XV)

PIERRE BAYLE

TRADUÇÃO DE Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

Disputa de palavras nesta questão¹. Qual é o âmago da dificuldade. O que é um bom exame Filosófico. Consideração sobre a imaterialidade de Deus. Dificuldades que acompanham a opinião do Sr. Locke. Fragmento de uma carta do Padre Mersenne.

[A disputa sobre esta questão, se é fácil conhecer Deus, é uma pura logomaquia.] Mas dizendo-vos a verdade, penso que a disputa sobre esta questão é somente uma disputa de palavras. Que explicando-se bem as partes, veremos que elas, no fundo, estão de acordo. O Sr. Bayle mostrou (a)² que, em alguns aspectos, nada é mais fácil ao homem do que crer na existência da Divindade. Mas que, em outros, isso demanda muitas meditações profundas e difíceis. Se for examinado atentamente o que disseram sobre esses dois pontos e que fortaleceu razões e autoridades, ter-se-á dificuldade para aí não convir, para destruí-la. Releiais um pouco o que escrevi-vos (b)³ contra a Gazeta de Trévoux. Enquanto não for associada à palavra *Deus* senão a ideia de ser eterno e necessário, de causa primeira, etc, tudo é fácil: reuniria facilmente neste centro todos os habitantes do mundo, sem excetuar os maiores Ateus, porque não penso que aí tenha defensores da hipótese de Epicuro no tocante ao concurso fortuito dos átomos. Assim *abstrahendo ab omni sensu*, fazendo abstração de toda ideia particular, abaixo da ideia geral que caracterizo-vos, subscreveis a todos os homens que existe uma natureza divina. A isso se relaciona o que dizem alguns que não há disputa sobre a existência de Deus, mas somente sobre sua essência. Se eles creem que isso seja um grande ponto ganho, enganam-se, porque Estratão não teve dificuldade de dizer que a Natureza é um verdadeiro Deus. Não teria sido tão extravagante para fazer um Cisma Filosófico a respeito de uma palavra se quisesse contentar-se que a empregasse e permitir-se entendê-la à sua maneira.

[O que Plínio disse da Divindade do Mundo]. Pode-se duvidar disto quando se sabe que Plínio, que não distinguia entre a Divindade e o Mundo, deu ao mundo o nome de Deus e alguns dos principais atributos de Deus. Que ele disse que o Mundo era a obra da natureza das coisas e a natureza mesma das coisas? (c)⁴ *Mundum & hoc quod nomine alio coelum appellare libuit [...]* NUMEN esse credi par est, AETERNUM, IMENSUM, NEQUE GENITUM, NEQUE INTERITURUM UNQUAM [...]. *Sacer est (mundus) aeternus, imensus, totus in toto, imo vero ipse totum: finitus & inifinitus similis, omnium rerum certus & similis incerto, extra, intra cuncta complexus in se: idemque RERUM NATURA OPUS, ET RERUM IPSA NATURA.*

[Exame crítico das Mémoires de Trévoux.] Comecei a ver o que os Autores das *Mémoires de Trévoux* replicaram às cinco observações que eu opus à sua crítica. Contentam-se em apresentar muito sucintamente: 1) (d)⁵ que somente citei Filósofos e que tratava-se de povos inteiros; 2) Que nem Povos nem Filósofos saberiam, sem uma contradição manifesta, reconhecerem um Autor do Mundo e

1 Bayle examina a crítica surgida nas *Mémoires de Trévoux* da qual tratou anteriormente no capítulo CXII da primeira parte da *Réponse*. Bayle cita em itálico os gazetistas das *Mémoires*, respondendo-os mais adiante (N. do T.)

2 (a) Vejais os capítulos XX e XXI da *Continuation des Pensées Diverses* e o cap. CIV (N. do A.)

3 (b) Supra, 2ª parte, cap. CXII (N. do A.)

4 (c) Plínio, livro 2 (N. do A.)

5 (d) *Mémoires de Trévoux*, Maio de 1706, p. 782, no excerto do 2º Tomo da *Réponse aux questions d'un provincial* (N. do A.)

negarem a existência de Deus, porque Deus e o Autor do mundo são dois termos sinônimos; 3) Que os Spinozistas, não entendendo pelo nome da primeira causa senão a matéria, podem brincar com o resto dos homens abusando da linguagem ordinária; mas, se eles pensam no que os termos expressam, enganam-se sobre a essência de Deus e concordam com o gênero humano sobre a sua existência. Eis suas réplicas: concluí que eles abandonam a defesa da maior parte de suas objeções. Mas não é somente o único ponto fraco: porque em 1º lugar eles entendem que se eu tivesse citado algum Povo, eu tê-los ia embaraçado. Eles creem então que a autoridade de um Povo bárbaro é considerável e que a de uma seita inteira não é, ainda que seja a mais célebre de todas as Seitas (e)⁶ do vasto império da China. Entenderão que nisto seu discernimento é digno de louvor? Em 2º lugar, os Povos Ateus que foram citados sobre a fé mesma das (f)⁷relações as mais modernas dos Jesuítas não provam-lhes nada? Não é certo que esses Povos não duvidam de modo algum que o Mundo seja a causa do calor e da luz pelo Sol e pelo fogo e assim de resto? Eles não ignoraram então que houve eternamente uma causa de tudo o que foi produzido (g)⁸; eles facilmente ignoraram que esta causa distribuísse os bens e os males, segundo o que os homens se conformassem ou não à sua vontade; 3) Não pode ter contradição entre reconhecer um autor do mundo e negar a existência de Deus senão no caso de for associada à palavra Deus a mesma ideia que *Autor do mundo*; mas não terá contradição se for associada a palavra Deus a ideia de uma causa transitória⁹ e que aplica suas forças como bem lhe apeteça e as proporcione em relação aos homens as preces que endereçam-lhes e aos sacrifícios que oferecem-lhes. É neste sentido que a existência de Deus é negada ou ignorada pelos Ateus, ainda que alhures eles não neguem ou ignorem que o mundo tenha uma causa (h)¹⁰; 4) É certo que os Spinozistas abusam da linguagem ordinária. Eles entendem a palavra *Deus* diferentemente daqueles que fazem profissão de uma Religião: mas não se pode dizer que *eles estão de acordo com o gênero humano sobre a existência de Deus*, reduzindo a ideia de Deus à abstração que eu descrevi (i)¹¹ acima. Logo, como não se trata de um semelhante (k)¹² consentimento na disputa do Sr. Bernard, nada é mais mal fundado do que o que dizem os Gazetistas de Trévoux (l)¹³ *que os verdadeiros sentimentos escapam-me no calor da disputa*. Não posso muito admirar que Escritores tão penetrantes não tenham compreendido um pouco melhor o verdadeiro ponto da questão. Quereriam eles vangloriarem-se do que um Ateu de prática que, no interesse de suas paixões abomináveis sufocaria pouco a pouco em seu coração e em seu espírito todo sentimento de Religião, declarasse-lhes que ele quer subscrever a alguma definição qualquer que lhe dessem da natureza divina, desde que se retire a inspeção sobre a conduta dos homens e a aplicação em punir seus desregramentos? No entanto, é verdadeiro que este tipo de Ateus, não tendo interesse senão em rejeitar esses dois pontos, pode admitir todos os outros: mas seria bem simples se, sob esse pretexto, julgassem que eles estão de acordo com o resto dos homens sobre a existência de Deus. Sê-lo-ia suportar que um equívoco turvasse o todo das linhas de separação.

[Resumo do que o Sr. Bayle disse mais longamente sobre o conhecimento de Deus]. Se eu me interrompi devido às réplicas dos Senhores de Trévoux, não foi abandonando meu assunto ou perdendo de vista a conclusão que eu queria tomar esta maneira: *o que está ao alcance de todos os homens se reduz a isso, a saber, que existe um ser eterno e necessário, uma causa primitiva do Mundo; mas, desde que seja investigado se esta causa age necessariamente ou com uma plena liberdade de indiferença; se ela é distinta de seus efeitos; se ela é incorpórea; se por um simples ato de seu entendimento ela conhece todas as outras coisas; se nossas preces mudam o curso de sua ação, etc. Encontra-se (m)¹⁴*

6 (e) Ver supra, p. 926, 1ª col. e noteis que há outras grandes Seitas no Oriente que, no fundo, são spinozistas. Veja o *Dic. Hist. e Crit.*, nota D do verbete Japão e nota A do artigo Spinoza (N. do A.)

7 (f) Ver a *Cont. des Pens. Diverses*, §XIV (N. do A.)

8 (g) Conferis o que foi dito dos Canisianos supra, p. 931, 1ª col., nota b (N. do A.)

9 “Transitive” no original (N. do T.)

10 (h) Tomando a palavra causa pelo que há de atividade em um ser que não é distinto de seus efeitos ou que produz por via da emanção, etc. (N. do A.)

11 (i) Página precedente, 3 col. (N. do A.)

12 (k) Esse consentimento concerne a uma Divindade que seja um objeto atual de Religião (N. do A.)

13 *Mémoires de Trévoux*, *ibid.* (N. do A.)

14 (m) No tocante às dificuldades de conhecer Deus, veja o *Diction. Histor.&Crit.*, nota F do verbete Simônides (N. do A.)

dificuldades que poucas pessoas superaram pelas forças únicas da razão. Todos os antigos Filósofos erraram lastimosamente (n)¹⁵ sobre essas matérias.

[*Que há entre ele e seus adversários somente uma questão de termo*]. Dou-lhe um resumo bastante informado do que o Sr. Bayle detalhou sobre os dois pontos assinalados acima, o qual um observa o que há de difícil na questão de que se trata. É àqueles que falam de uma outra maneira para se explicar precisamente e asseguro-me de que se o fazem, ver-se-á que eles não compreenderam na classe de coisas fáceis o que o Sr. Bayle notou como difícil; e, por consequência, que a disputa que eles quiseram ter com ele seria somente um mal entendido, uma questão de termo. Suponho que sejam pessoas que tenham examinado com uma forte atenção o que concerne a esse assunto, pois sei que as pessoas que não examinaram as coisas, que contentaram-se com uma mínima discussão não veem nada de difícil nos objetos que começaram a crer desde a sua infância. As noções que fazem de Deus nesta fase e que tomam (o)¹⁶ pouco a pouco a forma que se acomoda melhor ao gênio ou ao temperamento de cada um, apresentam-se sem nenhuma dificuldade; o que faz com se condene soberbamente e que se trate de ímpio alguém que se queixe de encontrar dificuldades. É preciso então investigar aqui somente o julgamento dos homens doutos que se deram ao trabalho de filosofar. Não espereis ver entre eles muitas pessoas que se gabam de ter achado tudo fácil. Os que falariam assim, temeriam censurarem-se perto de bons conhecedores; isto é, passar ou por enganados que não têm nenhum discernimento ou por fanfarrões que queriam que acreditassem que seu espírito superior, como um Sol que dissipa todas as nuvens da atmosfera, colocou-os em uma plena serenidade. Isto faz-me lembrar de uma carta que foi escrita por um grande espírito ao Sr. Justel por um (p)¹⁷. Quero-vos transcrever uma passagem: [*Passagem do Sr. de Evremond sobre a dificuldade de conhecer Deus*]. (q)¹⁸ “É belo buscar Deus em espírito e em verdade; o primeiro Ser, esta soberana inteligência merece nossas especulações mais apuradas, mas quando queremos depurar nossa Alma de todo comércio com os nossos Sentidos asseguramos de que um entendimento abstrato não se perde em pensamentos vagos, não são formadas mais extravagâncias e que não descobrirá verdades? De onde pensais que advêm as absurdidades de tantas Seitas do que das meditações curiosas nas quais o Espírito, no limite de seus devaneios, encontra as suas próprias imaginações?”

[*E do Sr. La Valterie sobre o mesmo assunto.*] Que direis de uma outra passagem que eu extraio de um opúsculo muito sensato, que tem um lugar digno na Miscelânea curiosa que um homem muito hábil publicou recentemente? O autor deste opúsculo (r)¹⁹ condena com muita razão os que desconhecem a Divindade nas obras do mundo; seja por um espírito fraco eles tornam-se ímpios “*somente para declararem-se partidários de algum famoso Libertino; seja por uma força de alma extravagante eles não queiram em nada depender de seu Criador*”. Mas ele encontra uma terceira ordem de incrédulos. “*Não é, ele continua, (s)²⁰ que não se veja as pessoas mais honestas do mundo e as mais sábias caírem em algum tipo de incredulidade ou de incerteza. Os que não se contentam em descobrir uma inteligência eterna pela Ordem do Universo; sua Curiosidade leva-os a investigar o que pode ser e, após terem espantado seu Entendimento com suas Qualidades infinitas que o Espírito do homem não saberia compreender, eles permanecem incrédulos malgrado aí tenha e não saberiam conciliar os sentimentos de seu Espírito com os de sua Consciência*”. É preciso então assinalar a sede ou a origem das dificuldades. Não contenta descobrir um Ser eterno e necessário, uma inteligência

15 Ver Sr. Amyraut, *Traité des Religions*, p.49, 125, e na passagem que ele fala (p. 149-50) das extravagâncias de Platão e notais que ele utiliza o 3º e o 4º cap. da 2ª parte para mostrar que sem a revelação não é possível estar bem assegurado da imortalidade da alma, nem da criação do mundo e nem da providência divina. Ele diz na p. 130 *que demonstrou que sem uma revelação sobrenatural o espírito humano não saberia ter nenhuma inteligência certa da natureza de Deus*. Isso confirma o que eu disse supra contra o Sr. Bernard no cap. XIV (N. e itálicos do autor).

16 (o) Ver supra o cap. XIV, p. 936, 2ª col. as palavras do Sr. de Vallone (N. do A.)

17 (p) Sr. de Saint Evremond (N. do A.)

18 (q) *Oeuvres mêlées de Saint Evremond*, t. 4, p. 152-153, edit. d'Amst., 1706 (N. do A.)

19 (r) La Valterie, *Traité de l'usage de la vie*, no 1º tomo da *Mélange curieux* impressa em Amsterdam, 1704. Aos cuidados do Sr. Des Maiseaux, p. 31 (N. do A.)

20 (s) *Id. Ibid.*, p. 32-33 (N. do A.)

que seja a causa do Mundo: isso não bastaria para se distinguir dos Ateus, pois Spinoza não subtrai de Deus o atributo de ser pensante ou transitório, imaterial ou material, necessidade nas volições ou capaz de querer isto antes do que aquilo e, assim, de diversas outras propriedades sem o conhecimento das quais ignorar-se-ia o fundamento do culto divino. A razão humana pode se encontrar acima das perplexidades. Estarei convencido se refletires sobre o que é o método de buscar a verdade.

[*Prova desta dificuldade tirada do método de buscar a verdade*]. Ela compreende 4 preceitos: “(t)²¹ o primeiro é jamais aceitar alguma coisa como verdadeira se não conhece-la evidentemente, isto é, de compreender seus julgamentos somente ao que se apresenta tão claramente ao espírito que não tenha razão de colocar em dúvida. O segundo é dividir cada dificuldade examinada em tantas partes possíveis e que é requerido para melhor resolvê-la. O terceiro é conduzir os pensamentos por ordem, começando pelas coisas que são mais conhecidas no que a questão tem de particular para avançar pouco a pouco e como por graus até a descoberta das que não se conhece. O quarto é último é em tudo fazer enumerações completas e revistas tão gerais para que seja possível assegurar-se de nada omitir”. Isso não é tudo. É preciso ainda examinar se (u)²² as ideias que pareçam claras o são, com efeito: elas não o são de modo algum se a prevenção misturar-se nos julgamentos que aferimos. Logo, a fim de assegurar-se que ela aí não se misturou (v)²³, é preciso considerar cinco coisas: 1) se não é verdadeiro que cremos na coisa de que se trata senão porque nossos mestres assim nos ensinaram; 2) Se não é verdadeiro que cremos nesta coisa senão porque ela foi aprovada por um grande número de pessoas estimadas no mundo; 3) se não é verdadeiro que não cremos nela devido ao costume, isto é, devido a termos uma tal ideia desde nossa infância e que julgamos que muitas coisas eram verdadeiras porque eram conformes a esta ideia; 4) se não é verdadeiro que concluímos a verdade de que se trata de um princípio suposto e que jamais examinamos; 5) enfim, se não é verdadeiro que é a única novidade que nos faz crer. Confessai-me, Senhor, que uma verdade que poderia parecer fácil de descobrir, se não fosse ligeiramente examinada, tornar-se-ia bem difícil se não querer assegurar-se de tê-lo achado somente após ter observado esta análise dos Cartesianos. É um método que exige que se examine não somente os objetos mas também seus próprios pensamentos, a fim de afastar toda a influência da preocupação. Que trabalho é ser o seu próprio juiz (w)²⁴ com a máxima severidade e com um discernimento exato de todas as suas prevenções!

[*Dificuldade de conciliar a imutabilidade de Deus com a liberdade de seus decretos*]. Eu falei-vos bastante (x)²⁵ das dificuldades insuperáveis que a Filosofia encontra quando ela quer conciliar as perfeições da natureza de Deus com o mal físico e com o mal moral que é visto sobre a terra. Ela não encontra menores quando quer conciliar a imutabilidade de Deus primeiro com a liberdade de seus Decretos, que não são realmente senão o próprio Deus, e depois com as ameaças e as promessas que ele faz aos homens sob condições e, enfim, com a eficácia de nossos sacrifícios e de nossas preces. Eu somente dir-vos-ei que as objeções dos Socinianos sobre esse assunto fazem suar nossos Professores de Teologia. Limitar-me-ei às dificuldades de conciliar a imaterialidade de Deus com a sua imensidade. Tereis aí um exemplo que confirmará tudo o que eu escrevi-lhe sobre a nota 7 do Sr. Bernard.

[*Provas de sua imaterialidade.*] As provas da imaterialidade de Deus são muito fortes. Eis aqui a gradação. Deus deve ser uma natureza inteligente: tudo o que é composto de partes é capaz de

21 (t) Régis, *Système de Philosophie*, cap. 4 da 4ª parte da Logique t. I, p. 90-91. E notais que ele tira isso do *Traité de la Méthode* feito pelo Sr. Descartes (N. do A.)

22 (u) *Id. Ibid.*, cap. 5 (N. do A.)

23 (v) *Id. Ibid.*, p. 97-98 (N. do A.)

24 (w) Aplicais aqui o que Ausônio, *Edyll.*, 16, p. 5-9 disse em um outro sentido:

“*Judex ipsi sui, totum se explorat ad unguem,*

Quid proceres vanique ferat quid opinio vulgi,

Securus mundi instar habens, teres, atque rotundus:

Externa ne quid labis per lavia fidas” (N. do A.)

25 *Supra*, 2ª parte, examinando o livro do Sr. Jaquelot (N. do A.)

inteligência. Tudo que é material é composto de partes: é preciso então que Deus seja imaterial. O Sr. Cudworth (y)²⁶ fez vir à tona na mais alta conta a verdade de todas essas proposições. Assim desde que seja superada a dificuldade de bem compreender os raciocínios que provam isso e que são algumas vezes de alguma abstração (z)²⁷ fatigante, será possível repousar tranquilamente sobre esta proposição que Deus é um ser imaterial. [*Consequências desse Dogma opostas às verdades que não podem ser abandonadas.*] Mas para gozar de uma perfeita quietude acima, seria preciso que as consequências desse dogma não combatessem algumas outras verdades que nos importa retermos, pois se não pudermos resolver essas consequências, recairíamos na incerteza. As razões que provam a imaterialidade de Deus provam também a imaterialidade de todos os seres pensantes. [*Dificuldade sobre a alma dos animais.*] Será preciso dizer então ou que os animais são somente autômatos ou que a sua alma é incorporeal. Escolheríeis o primeiro partido? Todo mundo vaiar-vos-ia e conheceríeis por si mesmo cedo ou tarde que aventastes uma hipótese insustentável. O segundo partido expor-vos-á a cem (aa)²⁸ objeções insolúveis e quando perguntassem-vos se a alma de um animal existe no corpo desse animal, dar-vos-iam trabalho. Se respondesses que ela não existe nem no corpo deste animal nem em nenhum outro lugar, encontraríeis poucas pessoas que quisessem escutar-vos e falaríeis sem nada compreender em vosso dogma. Se respondesses que ela existe no corpo deste animal, concluir-se-ia que ela é extensa e, por consequência, material, o que far-vos-ia cair em contradição.

[*E sobre a ligação local da alma do homem com o corpo.*] É então que seria preciso utilizar as duas espécies de extensão que os Escolásticos relataram, uma indivisível e penetrável e outra divisível e impenetrável. Deixemos a alma dos animais: falemos somente da alma do homem. Eles dizem que nossa alma é espalhada por todo o corpo ou antes, que ela o penetra, isto é, que ela ocupa o mesmo espaço que o nosso corpo; mas, com esta diferença, que ela está inteira em cada parte do espaço e que nosso corpo corresponde, por cada uma de suas partes, a cada parte do espaço. Eis então duas substâncias que preenchem o mesmo lugar, uma indivisivelmente e a outra divisivelmente (bb)²⁹. Mas pergunto-vos, a alma humana é extensa ou não? Se ela é extensa, é composta de partes ou então a ideia que temos da extensão é falsa e, por consequência, incapaz de nos render algum serviço na investigação da imaterialidade de Deus. De sorte que os raciocínios do Sr. Cudworth não abateram mais do que uma asa, porque não saberia provar que os seres materiais são compostos de partes somente porque são extensos. Logo, esta prova torna-se nula se há seres extensos que não tenham partes. Se responde que a alma humana não é extensa, concluirei que não pode se encontrar em nenhum espaço nem ser unida com matéria alguma e que, então, é falso que ela exista no corpo do homem. Logo, em que embaraço não se precipitam se disserem que não há nenhuma ligação local entre as almas e os corpos? A evidência ou, ao menos, alguma noção um pouco distinta acompanha o discurso dos que falam assim?

Acrescentais a isso que, mesmo querendo se contentarem com a distinção entre a extensão indivisível e penetrável e a extensão divisível e impenetrável, não livrar-se-iam de toda dificuldade, pois é impossível conceber a ação dos corpos sobre uma substância penetrável. Não concebemos que elas possam agir senão por impulsão. Logo, não saberiam levar uma coisa com a qual eles estão penetrantemente no mesmo espaço e que não resiste de modo algum. Como então é que nossos órgãos agiriam sobre a alma se ela existisse no mesmo espaço que eles e se ela fosse penetrável? Responderão que elas são somente uma causa ocasional do que se passa nas nossas almas? Mas a maior parte dos Filósofos não querem ouvir falar de uma tal solução, ela parece-lhes um remédio pior do que o mal e, confesso-vos, que ela está sujeita a inconvenientes muito desagradáveis, ainda que pareça-me que seja a única que é possível dar. Vejais então que, supondo que a alma do

26 (y) Ver o 1º artigo do 8º tomo da *Biblioteca escolhida*. Podereis ver também Sr. Nicole na Obra póstuma que os Gazetistas dos Sábios forneceram uma análise em 11 de janeiro de 1706 (N. do A.)

27 (z) Isto é, para os leitores que não gostam desse tipo de matérias ou que aí não estão acostumados (N. do A.)

28 (aa) Ver o 9º tomo da *Biblioteca escolhida*, p. 29 e seg. e 37 e seg. (N. do A.)

29 (bb) Pode-se aplicar aqui todas as dificuldades que os Cartesianos propõem contra a distinção do espaço com o corpo. Vejais as *Nouvelles de la République des Lettres*, janeiro de 1706, p. 14 e seg. (N. do A.)

homem é um espírito, não é mais encontrado o meio de conceber que nossos corpos façam sobre nossas almas os efeitos que experimentamos.

O Sr. Cudworth (cc)³⁰ nos ensina que aqueles que quiseram satisfazer às objeções que são fundadas sobre o que a alma muda de lugar (pois ela deixa o corpo quando um homem morre) supuseram que há uma porção de matéria muito sutil que é o veículo perpétuo da alma: mas o Sr. Le Clerc (dd)³¹ observa com muita razão que isto não levanta dificuldade, visto que se pode fazer em relação a esse veículo da alma as mesmas instâncias que são vistas feitas em relação ao corpo que morre ou que se separa da alma. Não se pode negar que esse veículo não muda de lugar, ele transporta sua alma tanto aqui tanto lá, passando realmente de um lugar para outro e não serviria de nada dizer que o vinho de um tonel permanece sempre no mesmo lugar ainda que o tonel seja transportado de uma província para outra. É somente em certos aspectos que o vinho guarda sempre o mesmo lugar, só é, digo, a respeito do tonel; mas, absolutamente falando, é envelhecido e transportado, adquire novas relações locais com todos os outros corpos. O que não pode convir a uma coisa não extensa.

[*Impossibilidade de conciliar a imaterialidade de Deus com a sua imensidade.*] Se é impossível compreender que a alma sendo imaterial ocupa o mesmo lugar que o corpo humano, não é menos impossível compreender que Deus sendo uma natureza imaterial esteja presente por sua essência ou por sua substância nos espaços infinitos. Isto quer dizer que a sua imensidade ou o atributo que faz com que a substância divina seja espalhada por toda parte no mundo, fora do mundo ao infinito, não concorda de modo algum com a sua imaterialidade, porque desde que concebeis uma coisa espalhada nos espaços concebei-a extensa e, conseqüentemente, material, visto que não temos outra noção da matéria senão a de uma substância extensa. Sei bem que muitas pessoas rirão da distinção entre ocupar um lugar *circunscritivamente*³² ou ocupá-lo *definitivamente*, mas isto só é bom de dizer nas Escolas, onde um jargão que não é entendido passa por uma boa resposta. Os que buscam a verdade segundo a análise relatada (ee)³³ acima zombam de uma distinção que não esclarece o espírito. Logo, quando repetirem-vos mil vezes que há uma preferência local própria às naturezas imateriais, que faz com que elas sejam inteiras em cada ponto do espaço, de sorte que sem serem nem compostas de partes nem extensas, elas ocupam um lugar de três dimensões que não somente podem excitar neles nenhuma noção, mas que, no mais, é contrário a noções evidentes que eles têm no espírito (ff)³⁴.

[*Os Cartesianos não eliminam a dificuldade.*] Os Cartesianos tão bem conheceram a força desta dificuldade, que eles dizem que é fazer Deus corporal do que sustentar que a sua substância é espalhada por toda parte, do que dar-lhe uma imensidade tal que é explicada nas Escolas e que quase todos os homens imaginam. Sustentam então que Deus, sendo um espírito, não existe em nenhum lugar, que os espíritos criados não estão em parte alguma e que é a maior de todas as quimeras supor que nossa alma seja unida localmente com o nosso corpo ou que ela exista em nosso corpo. Mas quem eles puderam persuadir que seu dogma seja recebível? Para um Teólogo que esteja conformado, houveram cem que combateram-no calorosamente. Não há nenhuma conveniência com nossas matérias pensar, desconforta nosso espírito: uma substância que não pode se encaixar em nenhum lugar, qual assunto ela pode ocasionar a nossas concepções? O antigo dogma da imensidade divina, da união local de nossa alma e do nosso corpo manteve seu reinado. Isto, sem dúvida, mantém em suspenso os que desconfiam da clareza de suas ideias enquanto sabem que o que parece-lhes verdadeiro é rejeitado com falso por um grande número de hábeis Doutores.

[*Segundo alguns cristãos, as provas da imaterialidade da alma não convencem.*] Eu não falar-vos-ei da impressão, algumas vezes involuntária, que causa no espírito a autoridade de diversos Sábios

30 (cc) Ver o artigo do 8º tomo da *Biblioteca escolhida* (N. do A.)

31 (dd) Le Clerc, *Biblioteca escolhida*, t. 8, p. 60 e seg. (N. do A.)

32 No original “*circumscriptivement*” (N. do T.)

33 (ee) P 939, 2ª col. (N. do A.)

34 (ff) Consultar Sr. Amyraut no *Traité des Religions*, p. 407 (N. do T.)

que sustentaram no Cristianismo (gg)³⁵ que as provas que a razão pode fornecer da imaterialidade da alma humana não são convincentes de modo algum. A experiência que cada um tem do império de seu corpo sobre sua alma, o quanto a razão é fraca na infância, na velhice, nas doenças do corpo, no sono mesmo de um homem que está bem. Esta experiência, digo, causa impressões mesmo contra a vontade. Quem não espantar-se-ia vendo que um simples torpor dos sentidos pode fazer do mais sábio de todos os homens o juguete de cem quimeras as mais extravagantes do que as loucuras dos que estão encerrados nos Manicômios? Mas deixo todos os embaraços que podem ser sentidos vendo semelhantes coisas.

[Segundo o Sr. Locke, a essência da substância espiritual e corporal é-nos desconhecida.] Penso que é melhor dizer-vos que a dificuldade de conciliar a imaterialidade das almas humanas com a sua situação nos corpos organizados forçou hábeis pessoas a sustentar (hh)³⁶ que o que constitui a substância de um espírito e a substância de um corpo é-nos inteiramente desconhecido e que, assim, não saberíamos conceber as relações de uma dessas substâncias com a outra nem como elas unem-se. O Sr. Locke, um dos mais profundos metafísicos desses últimos tempos, não crê que conheçamos a natureza dessas substâncias. Ele confessa que a extensão impenetrável, a divisibilidade, a mobilidade eram propriedade da matéria ou da substância corporal, mas não a essência ou o atributo constitutivo da substância da matéria. Ele acreditava então que essas propriedades aí subsistiam em um sujeito que não conhecemos [Objecções contra esta opinião.] Segundo isto, parece-me que se deve dizer que a extensão não é senão (ii)³⁷ um acidente da matéria e é essa a opinião dos Católicos Romanos e o que eles foram obrigados a sustentar por causa da sua doutrina da Transubstanciação. Logo, se a extensão não é senão um acidente da matéria, segue-se que a matéria considerada segundo o que ela tem de essencial e de substancial não é extensão e que assim ela pode muito bem existir sem nenhuma extensão. Da mesma maneira, se o pensamento não é senão um acidente da alma, segue-se que a alma considerada segundo o que ela tem de essencial e substancial não é pensante e que ela pode existir na natureza das coisas sem ter nenhum pensamento. O Sr. Locke não podia negar que ele ignorava o que seria a matéria destituída de extensão e o que seria a alma destituída de pensamento. Logo, quando se ignora isto, não vejo que se possa dizer que tenha na matéria algum atributo incompatível com o pensamento nem que tenha na alma algum atributo incompatível com a extensão. Se é sabido por experiência que a matéria é extensa, pode-se afirmar verdadeiramente que ela é suscetível de extensão, mas não que seja suscetível de pensamentos pois, para afirmar esse último ponto, seria preciso comparar com o pensamento os atributos essenciais da matéria. Logo, não é possível enquanto não são conhecidos. Se sem conhecê-los, crê-lo suscetível de extensão que a experiência nos mostra que tem, o é unicamente raciocinando sobre este princípio, *que do ato à potência a consequência é muito boa* (kk)³⁸. Mas na falta da experiência, não há senão uma ideia clara que possa julgar a proporção ou desproporção entre uma tal ou tal substância e tais ou tais acidentes. É porque os que ignoram se a matéria tem pensamentos e que, aliás, não conhecem sua essência, não podem sustentar que ela é incapaz de pensar. Apliqueis tudo isto à substância dos espíritos: se é sabido por experiência que eles pensam, sabe-se muito certamente que eles são suscetíveis do pensamento, mas não que são suscetíveis da extensão, pois como responderiam que entre os atributos essenciais da substância espiritual

35 (gg) Ver o *Dictionnaire Hist. e Crit.* na nota L do verbete Perrot. O Sr. Paschius, professor de Filosofia em Kiel sustenta uma disputa *de fictis rebus publicis* no mês de dezembro de 1704 e aí insere, dentre outros corolários, este: “*quemadmodum anima humana immortalitas ex providentia Dei valde fit probabilis; ita si apodixin desideres, ultro fatenur beneficio luminis naturalis immaterialitem ejusdem & par consequens immortalitem demonstrari haud posse*”. Ver também supra, Tomo III, 2ª parte, cap. CXXXI, p. 668, 2ª col. (N. do A.)

36 (hh) Ver Sr. Le Clerc *ubi supra* (N. do A.)

37 (ii) “Porque a diferença que alguns estabelecem entre as propriedades *proprium quarto modo* e os acidentes de um sujeito, dizendo que as propriedades são inseparáveis e os acidentes separáveis é nula, visto que uma propriedade inseparável é um atributo essencial, cada coisa podendo existir por ter a sua essência. Tudo o que não é da essência do sujeito é um acidente e que há contradição *in objecto* que uma propriedade seja inseparável e não pertence à essência de seu sujeito” (N. do A.)

38 (kk) *Ab actu potentiam valet consequentia* (N. do A.)

não há nenhum que simpatize com a extensão? Se responderem sobre isto conheceriam todos os atributos dos espíritos, o que é contra a suposição.

Acrescento que se a matéria nela mesma e por sua essência é uma substância não-extensa, não saber-se-ia adivinhar que tenha nela alguma coisa que possua mais conveniência com a extensão do que com o pensamento e, assim, poder persuadir-se que o pensamento é, tanto quanto a extensão, um dos acidentes que foram acrescentados à substância. Se, por outro lado, a alma do homem é nela mesma e por sua essência uma substância não pensante, qual simpatia maior encontramos-lhe com o pensamento do que com a extensão? Não será preciso dizer que a extensão é, tanto quanto o pensamento, um dos acidentes que foram acrescentados à sua substância? (II)³⁹ Em uma palavra, a doutrina do Sr. Locke leva-nos a admitir somente uma espécie de substância que, por um de seus atributos, aliar-se-á com a extensão e, pelo outro, com o pensamento; o que, sendo uma vez posto, não poder-se-á mais concluir que se uma substância pensa ela é imaterial.

[Se a extensão é distinta da matéria, ela não pode tornar a matéria extensa.] Poderiam ser feitas outras objeções ao Sr. Locke, porque parece que ele quer nos levar ao antigo caos dos Escolásticos, à redução⁴⁰ das formas, à distinção real entre a substância e seus acidentes e a tais outros dogmas absolutamente inexplicáveis. Com efeito, se a matéria não é extensa quanto à sua essência ou à sua substância, ela não pôde adquirir extensão senão da maneira como os Católicos Romanos supõem, que é dizer que as formas são tiradas da potência da matéria ainda que elas não existissem; que, por exemplo, a quantidade, isto é, as três dimensões foram produzidas por redução em uma maneira que era reduzida a um ponto matemático. Provam-lhes demonstrativamente que três centímetros de extensão não podem ser tirados senão do lugar de onde já existissem, que não podem ser tirados de um sujeito não extenso e que, assim, a sua produção é uma verdadeira criação (mm)⁴¹. Mas de que servir-se-ia a criação desses três centímetros de extensão para tornar extenso o que não era extenso? Como a matéria tornar-se-á extensa por uma extensão da qual ela é distinta realmente? Não há menos dificuldade nisso do que fazer que uma alma torne-se (nn)⁴² formalmente pensante pelo pensamento de outra alma. O pensamento de uma alma é uma maneira de ser desta alma e não pode ser, conseqüentemente, uma entidade distinta realmente desta alma. Logo, o pensamento de uma alma é realmente distinto de uma outra alma e, pela mesma razão, uma extensão distinta realmente da matéria não será jamais uma maneira de ser da matéria: então ela jamais poderá torná-la extensa.

[O princípio dos Cartesianos acima vantajoso à Religião.] Quanto seria mais vantajoso à Religião ater-se ao princípio dos Cartesianos que a extensão e a matéria só uma única e mesma substância. Se nos levassem à alguma coisa de claro abandonando esse princípio, então pessoas se pacientariam. Todavia, lançam-nos nas trevas mais obscuras que sabemos que os atributos essenciais de uma substância não diferem numericamente entre eles e, assim, não saberíamos acreditar que seja possível que a matéria se ligue com a extensão por um atributo e com o pensamento por um outro. É preciso que o mesmo atributo em número sirva a esses dois ofícios, isto é, que a matéria a qual a essência não seja outra coisa senão seus atributos essenciais realmente identificados e entre eles com ela una-se por toda sua substância com o pensamento e com a extensão. Spinoza, que ensinava que o Ser eterno e necessário tinha como um todo o atributo do pensamento e o atributo da extensão, reconhecia (oo)⁴³ que esta ligação era incompreensível e a passagem mais fraca e a mais embaraçosa de seu sistema.

39 (II) Conferir o que foi dito no *Diction. Histor. et Crit.*, na nota G do verbete Rorarius (N. do A.)

40 No original "éduction". Penso ser um erro de grafia de Bayle (N. do A.)

41 (mm) Noteis que isto prova que esses três centímetros existiriam por eles mesmos, isto é, sem serem inerentes a nenhum sujeito, de onde segue que a extensão é necessariamente uma substância. Ela não pode inserir-se nem em um sujeito não extenso nem em um sujeito extenso (N. do A.)

42 (nn) Sirvo-me deste termo para que não me venham objetar-me que uma alma instrui outras almas e, por conseqüência, comunica-lhe seus pensamentos. Isso não significa que o pensamento da alma que instrui seja uma modalidade das almas instruídas, mas somente que ela a causa de que pensamentos semelhantes sejam produzidos nessas outras almas (N. do A.)

43 (oo) Ouvei isso de pessoas que tinham-no conhecido ou que tiveram relações com seus discípulos (N. do A.)

Asseguro-me que o Sr. Bernard examinando bem isto confessaria que a persuasão desta (pp)⁴⁴ importante verdade, *Deus é imaterial*, não pode ser adquirida pelo método dos Filósofos senão com muitas meditações.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

BAYLE, Pierre. Réponse aux questions d'un provincial [III], in: BAYLE, Pierre. **Oeuvres diverses** [1-2], tomo III. La Haye: Compagnion des librairies, 1737 [versão fac-símile].



44 (pp) No tocante ao sentido que ela é importante, ver o capítulo 141 da *Continuation des Pensées diverses* (N. do A.)